

TEIXEIRA DE PASCOAES

O GÉNIO PORTUGUÊS

NA SUA EXPRESSÃO
FILOSÓFICA, POÉTICA E RELIGIOSA



Edição da
RENASCENÇA PORTUGUESA
Pórtó—1913

Shi

OBRAS DO AUTOR

- Sempre – 1897
Terra Prohibida – 1899
Sempre (2.ª edição) – 1902
Jesus e Pan – 1903
Para a Luz – 1904
Vida Etherica – 1906
As Sombras – 1907
Senhora da Noite – 1909
Marános – 1911
 regresso ao Paraíso – 1912
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo – 1912
O Doido e a Morte – 1913
Elegias – 1913

TEIXEIRA DE PASCOAES

O GÊNIO PORTUGUÊS

NA SUA EXPRESSÃO
FILOSÓFICA, POÉTICA E RELIGIOSA



Edição da
RENASCENÇA PORTUGUESA
Pôrto - 1913

Shi

REVISTA DE HISTÓRIA

21428

O GÊNIO PORTUGUÊS

UMA REVISTA DE HISTÓRIA

DE HISTÓRIA PORTUGUESA E BRASILEIRA



EDITORA
Livraria da Rua
Rio de Janeiro, 1911

A
RIBERA Y ROVIRA

PREFACIO

Se a minha conferencia do anno passado, «*O Espirito Lusitano ou o Saudosismo*» foi bem recebida, esta, que é o desenvolvimento d'algumas partes d'aquella, mereceu das pessoas que me honraram com a sua assistencia, um aplauso mais vivo ainda.

O génio portuguez, revelado pelos poetas, vae tomando consciencia na classe ilustrada do nosso Povo.

Nas regiões incultas da provincia, ele vive ainda numa constante primavera de emoção, florindo dos mais poeticos sentimentos de beleza, amôr e bondade a terra de Portugal,—do Portugal das dramaticas serras em pincaros de fraga e extase; dos

êrmos pinheiraes ensombrando de melancolia a solidão dos outeiros; dos longos vales sussurrantes de agua, rumorosos de vozes, d'onde, á tarde, a noite sobe para os altos... a noite, o fumo das lareiras, a tristeza em canção alada, fundidos na mesma nevoa ascendente, onde vae a alma do homem e a alma das cousas, identificadas, levando aos remotos céus como que a sombra viva da terra...

O nosso Povo do campo e da beiramar conserva ainda acêso, dentro em si, qual sagrado lume inviolavel, o genio puro da Raça. Louvemos o feliz isolamento em que tem vivido, longe dos grandes centros onde tudo se adultera: o pão do corpo e o do espirito. A unica invasão estrangeira que ele sofreu, foi a do catolicismo; mas, como acontece, muitas vezes, o conquistador amoldou-se ás qualidades do conquistado.

A penumbra interior das nossas Igrejas é feita de sombras de arvores, e o Christo consumido e livido, de carnes queimadas pela angustia, vestiu-se de sol na nossa

terra; o sangue apolineo coloriu-lhe a fronte macerada... (1).

Se a instrução que para ahi se dá nas cidades, houvesse atingido o Povo dos campos, nada restaria já de Portugal, além das suas paisagens... Felizmente, por incuria dos governos, evitou-se tão grande mal.

A alma do Povo está inculta e virgem, esperando a *sua* semente, isto é, uma educação e instrução de acôrdo com o espírito lusitano.

O primeiro dever da escola consiste em revelar, na gente nova, a alma da sua Raça, para que a sua actividade, tornando-se materialmente fecunda, não deixe tambem de enriquecer o patrimonio moral da Nação, aquilo a que se chama a vida d'uma Patria.

Meu Pae fala-me, varias vezes, n'um professor belga, de nome Kaegels, que, ahi por 1860, dirigia um collegio no Porto. Pois este homem, que era estrangeiro, em todos

(1) Já o grande Oliveira Martins notou, na sua obra ácerca dos "Lusiadas," e da Renascença, que o Christo portugês era *apolíneo*.

os dias de sabado, lia e explicava Camões aos seus alunos e preleccionava sobre os factos heroicos da nossa Historia; mas fazia isto com o fim de cultivar nos rapazes a vida da nacionalidade.

O nome d'este estrangeiro que morreu pobre, encontrando o magro sustento dos seus ultimos dias na venda da sua magnifica livraria, é digno de ser lembrando com amor e respeito.

Os cursos da «Renascença Portuguesa», assim como as lições da sua Universidade Popular, têm, principalmente, em vista iniciar uma educação nacional, uma educação que crie portugueses autenticos, a qual, generalisando-se no paiz, será, dentro em algum tempo, um magnifico antidoto da venenosa educação estrangeirada que já vem do Constitucionalismo e nos pode levar á perda da nossa Independencia. É tão ruinosa para nós, nos tempos de hoje, como o foi, no passado, a partir de D. João III, a educação jesuitica.

Eis o grande mal que a «Renascença Portuguesa» tenta combater. As suas forças são diminuitas ainda. Todavia ela progride.

É possível que amanhã seja realidade o que, por enquanto, é sonho apenas.

E esta esperança radica-se, em nossa alma, cada vez mais. Como disse, na própria classe ilustrada, ha já quem volva os olhos anciosos para o seu verdadeiro sêr, que principia a resurgir na sua integridade espiritual.

Em muitas pessoas que me ouviram, eu notei, com profunda alegria, um alvorôço de alma que desperta.

Por causa da eloquencia das minhas palavras? De modo algum! Elas são modestas e obscuras; mas a sua modestia encerra uma coisa de valor que se chama verdade.

E, porque as julgo verdadeiras e uteis á causa da Patria, as dou á luz da imprensa.

Teixeira D. Soares

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

A primeira vez que tive a honra de falar n'esta cidade, demonstrei que existia uma *alma portuguesa* e o que ela era na sua intima expressão transcendente, afirmando que o nosso resurgimento resultará da sua plena revelação e aplicação directa à vida social. A renascença desejada será um facto, quando o povo português dêr à religião, à arte e à política o perfil inconfundível do seu espírito saudosista, o mais belo da Europa pelo que encerra de misterio cósmico, de profundidade religiosa e poetica, de original interpretação da Vida.

A simpatia com que foi ouvida a minha primeira conferencia consola-me da guerra que, posteriormente, me fizeram: guerra odiosa de ferocidade e calunia!

Maguou-me vêr ofendidas as minhas mais sagradas intenções. Mas eu devia ter ficado indiferente; eu devia lembrar-me de que tudo o que aparece, n'este mundo, com vida e presença,

ocupa um lugar, isto é, restringe o espaço dos outros, e de que a inimizade alheia é o reconhecimento da nossa existencia.

N'esta conferencia de hoje, tendo de tocar no assunto da anterior, verei se consigo esclarecer mais a demonstração d'uma verdade que eu considero de primacial importancia para o futuro da nossa querida Patria.

Falar-vos-ei do *Saudosismo* ou do genio portugûes na sua expressão poetica (provando a originalidade da nova Poesia lusitana) e na sua expressão filosofica e religiosa.

Em outra conferencia, tratarei do *genio portugûes*, sob o ponto de vista politico. Os dois aspectos do *Saudosismo* mais interessantes são o primeiro e o ultimo: a flôr e o fructo. No primeiro já se contém o religioso e o filosofico e no ultimo o economico e o educativo.

Tratemos hoje da nossa alma na sua existencia de flôr e de esperanza, porque ella está em plena primavera, a sua haste firmou-se, as pétalas abriram embriagadas de perfumes. Quero eu dizer que a sua revelação é um facto,—um facto realisado pelos novos poetas, prosadôres e artistas.

Na minha primeira conferencia, apresentei a Saudade como sendo a profunda e viva representação amorosa e religiosa da alma lusiada. E' preciso notar-se que aquella Palavra, a mais alta

da Linguagem humana porque resume todas as vozes da Natura e em si contem o Verbo originario, não mudou de sentido nas obras dos modernos poetas.

Ha, todavia, quem fale da *velha* saudade de Camões e Garrett, parecendo estabelecer assim uma barreira entre a Saudade d'aqueles Poetas e a da nova Poesia portuguesa, com o desejo talvez de imputar a esta um caracter artificial, sem realidade viva na Raça.

Engana-se quem pensar assim. As duas saudades são, na essencia, a mesma saudade.

Simplemente, em Camões e Garrett, como em Antonio Nobre, a Saudade aparece sob a sua forma primitiva, instinctiva e inconsciente. E' certo que ela atingiu, embora de fugida, tal profundidade, n'estes versos de Camões, que se tornou religiosa e filosofica, entremostrando a sua grandeza actual:

“Não é logo a saúde
Das terras onde nasceu
A carne,—mas é do ceu,
D'aquela santa cidade
Donde est'alma descendeu.”

Que é a *saudade do ceu*? E' a *lembrança* d'uma remota Perfeição, vivida talvez em outro mundo, animada pelo *desejo* d'uma nova Perfeição.

Basta a leitura d'estes versos, para sentirmos

palpitar na alma do divino Epico, a alma lusitana na sua ancia de dar á Vida uma nova expressão religiosa!

E falando em Camões, tenho de falar em outro Poeta portuguêz, o unico que pode colocar-se á mesma altura do maior interprete do Mar: refiro-me ao Povo.

Ha uma quadra popular em que a Saudade aparece como Divindade:

“De qualquer modo que existas,
És a mesma divindade :
Ventura, quando te vejo,
Se te não vejo, saudade!”

Vêde um individuo e a Raça, em absoluto acôrdo, antevendo, através do mesmo relampago percursôr, a futura criação metafisica do seu genio!

Ouvi est'outra quadra:

“Se alguém diz que a vida acaba,
Digo-lhe eu que nunca amou.
Quem vae e deixa saudades,
Nunca a vida abandonou!”

Eis a Saudade a substituir-se á Creatura, eternizando-a em imagem de espirito. É a alma lusiada a crear, por virtude propria, a sua Eter-

nidade e integrando n'ela tudo o que é mortal e transitorio. N'esta sublime canção do Povo, a Saudade é já a Virgem redemptora, Mãe de misericórdia e esperança, annunciando aos homens uma nova vida eterna:— a Eternidade em espirito, activa, impondo-se á morte dominada, e não a eternidade no tempo, fóra do esforço humano, simples dádiva dos Deuses...

Quem vae e deixa saudades fica a viver nas almas, porque, em sua vida, amou. O amôr em acção géra a saudade, isto é, reproduz-nos espiritualmente na alma de outra creatura, onde ficamos a viver. Ao baixarmos ao sepulcro, o nosso Phantasma, em contacto com as almas bem amadas, toma *presença viva* e perfeita; é um sêr espirital e, por isso, eterno (1).

Uma Creatura não pode crear a sua propria forma animica, porque a força que opera a transformação misteriosa da materia em espirito, é o amôr; e o nosso amôr só se torna fecundo, quando incide sobre as outras creaturas que se eternisam em nós. De resto, o sêr animal é um *meio* e não um *fim*. O homem cria espirito, mas não é o espirito.

“Onde quer que estejaes reunidos em meu nome, eu serei comvosco”, disse Jesus, referindo-se á sua *presença de saudade*...

(1) Confrontar com o que se diz a pag. 36 d'esta conferencia.

E esta quadra ainda:

“Ó noite que vaes crescendo
Tão cheia de escuridão,
Tu és a flôr mais bela
Dentro do meu coração!”

traduz admiravelmente as misteriosas nupcias da alma humana com a dôr das Cousas.

E d'estas nupcias nasceu a *Saudade* que é o desejo e a tristeza, a materia e o espirito, a morte e a vida ⁽¹⁾, a terra e o ceu, Venus do amor carnal e a Virgem Mãe do amôr espiritual, unificadas, reduzidas a um sentimento que conquistou vida propria e expressão verbal na lingua portuguesa, e constitue a mesma essencia da alma lusiada, como creio haver demonstrado na minha primeira conferência ⁽²⁾.

Ha outros versos de Camões, do Povo e Benardim, onde a Saudade aparece em relampago genial e cêgo.

E comparando nós a saudade dos antigos Poetas e a do Povo, com a saudade do *Saudosismo*, sintese do naturalismo pagão e do espiritualismo christão, e, portanto, nova forma poetica,

(1) “Pode em meu mal unir-se
O ficar e o partir-se, a morte e a vida.

Camões – Canção XIII.

(2) Vid. “Espirito Lusitano ou o Saudosismo”.
Algumas lendas do norte de Portugal confirmam tambem a verdade da nossa tése.

religiosa e filosofica, vê-se logo que entre as duas saudades existe sómente uma distancia de tempo que, no mundo psicologico, vae da emoção instinctiva e cêga á emoção intelectualisada e consciente.

A saudade de Benardim é murmurada pelo sangue; é ainda animal, infantil; lembra o olhar da creança ainda hesitante entre a luz que alumia e a luz que vê, a luz do sol e a da alma...

A saudade nos novos Poetas é a nitida palavra articulada, já na idade racional, em pleno meio dia do Espirito.

Todavia, no decurso evolutivo ⁽¹⁾ d'este misterioso e divino Sentimento, os seus elementos primordiaes, essenciaes e constituitivos (desejo e lembrança) em nada se alteraram. Foi mesmo pela sua analyse que chegamos á nossa concepção saudosista da alma portuguesa. O *desejo* é a parte material e a *lembrança* a parte espiritual da Saudade.

Mas o Genio da raça já atingiu a sua forma filosofica. Em Leonardo Coimbra, a Saudade é já ideia, construido sistema dialectico.

(1) Não cause estranhese o eu dar ao *divino* a qualidade de evoluir... Um dos Misterios de Eleusis, revelado por Eschilo, que esteve a pagar com a vida o sacrilegio, era o aperfeiçoamento de Deus no homem. Tambem a Saudade, a nova Deusa, se aperfeiçoou nos lusiadas...

No Poeta, é o beijo e a lagrima nupciando, novas belêsas dando á luz da vida.

No Filosofo, a alma lusiada é a materia e o espirito, penetrando-se mutuamente, n'uma constante actividade creadôra de novas formas de vida, eternamente originaes, porque a sua repetição seria, d'algum modo, um limite no ilimitado, um ponto inerte no infinito movimento.

Vêde a que sublime altura filosofica Leonardo Coimbra elevou a alma da sua Raça, que é a Saudade e, por conseguinte, a materia e o espirito cósmicamente fundidos n'um perpetuo abraço amoroso e creador!

Vêde a concepção de Leonardo, e comparae-a com o triste *retour éternel* de Nietsche!

Aquela é *actividade* que aumenta o *já creado*; este é um simples movimento esteril, um jogo inutil eternamente repetindo-se. É que Leonardo representa a ideia fundamental d'um Povo, o mobil psychico d'uma raça a construir um novo mundo. A sua individualidade é a sintese d'uma collectividade, em acção de pensamento.

Nietsche foi o *individuo absoluto*, sem parentes, sem compatriotas, grande, extraordinario no seu isolamento infecundo e tragico!

Eis a *alma portuguesa* vista pelos antigos e novos Poetas, pelo Povo e pelos Filosofos.

O futuro economista, inspirado por ela, fará o equilibrio entre a produção da terra e a das fa-

bricas; fomentará a riqueza de Céres e a de Prometheu; e o politico estabelecerá a harmonia entre as forças emotivas da nação, a Plebe, e as forças intellectuaes. A aristocracia da intelligencia e a plebe apaixonada lião de chegar a uma especie de acôrdo, de que deve resultar o ser esta sempre abrangida pela outra. Ai das nações e dos homens, onde o coração não trabalha de acôrdo com o pensamento! Ai das creaturas, onde os braços ou as pernas desejem ocupar o lugar do cerebro!

O politico, digno deste nome enobrecido, tornará a Republica essencialmente lusitana; e, nesse dia, o seu destino ficará preso com amor ao da Nacionalidade.

Por isso, as minhas palavras se dirigem, de preferencia, á gente môça, a fim de que ela comungue a alma do nosso Povo e a compreenda, amando-a, e por ela oriente, amanhã, todas as suas acções na vida publica.

O homem educado fóra da sua raça, não a conhece, e, portanto, não a pode amar. Mas o português que compreenda a alma portuguesa, tão original, profunda e misteriosa, contendo em si um novo sentido da vida, uma nova primavera espiritual opulenta de maravilhosas flôres,—esse português ha de amar a sua Patria.

Despertar na mocidade o genio nacional, pelo ensinamento dos Poetas, escritores e artistas representativos, da Lingua, das Lendas, da Paisagem e

da Historia de Portugal, é o primeiro dever dos educadores. Não conheço peor erro do que esse de cultivar n'um Povo qualidades estranhas, que lhe não pertençam por natureza.

O individuo desnacionalisado perde a sua presença viva, dilue-se em phantasma inerte. E' ver o que aconteceu à Turquia germanisada!

O português voltará a ser um homem pela educação do seu character originario.

O nosso chamado *genio aventureiro* ⁽¹⁾ que hoje se despresa, assim como o nosso *temperamento messianico* mais despresado ainda, são as duas grandes qualidades do Povo português; e só pela sua cultura inteligente que as revigore e dirija n'um sentido conforme à nossa epoca, mas sem as alterar na sua essencia e natureza, é que Portugal renascerá para uma grande vida europeia.

O genio de aventura pode traduzir-se modernamente em iniciativa; e ao temperamento messianico, que significa confiança n'um destino superior, pertence a solução do problema religioso que tanto preocupa a nossa idade entenebrecida de scepticismo, tão pobre de vida espiri-

(1) "Par atavisme, par éducation, par prèdestination territoriale, le Portugal devait aimer l'Aventure, qui est propre de l'esprit celtique. Il conçut la Civilisation, non pas simplement comme une extension de la Foi chrétienne, mais comme un élargissement du monde, comme un songe en action.", Philéas Lebesgue. *Mercury de France*, de 16 de Janeiro de 1908.

tual, isolando o homem do Universo, encarce-
rando-o, sem piedade, dentro do seu sêr transito-
rio, de materia e morte.

O messianismo é o genio de aventura
alandando-se para as estrelas. Depois de criar um
grande Imperio, ao vê-lo afundar-se nas ondas
que navegára, na sua tragica afflicção, dirigiu as
asas para o ceu, o Atlântico etéreo além do
qual existe uma outra India...

E, no Infinito onde subiu, a *Aventura*, feita
Messianismo, penetrou-se de vigor celeste; e,
rasgando o nevoeiro da manliã sebastianista, re-
aparece na terra de Portugal, vestida espiritua-
lmente em luz do sol,—e é a nova Saudade pela
nitidez viçosa do seu perfil, em cujos labios a
tristeza ri: a tristeza, a lembrança do Passado,
iluminada de esperança, prometendo a nova Era
Lusitana...

Falei atraz em amor da Patria. Eu sei que,
nos tempos que vão correndo, ha quem julgue
este sentimento inimigo do progresso moral da
Humanidade, das modernas ideias de justiça so-
cial, etc. Só pensa deste modo quem desconhece,
por completo, a *natureza humana*.

A justiça social, por exemplo, apenas poderá
realisar-se dentro de cada Patria. Uma justiça
para toda a Humanidade é um sonho chimeri-
co; equivale a pedir um rôsto igual para todos
os homens. Absurdo!

As Patrias diferem *por natureza* umas das outras, assim como os individuos. Elas resultaram da união, por parentesco de sangue, dum certo numero de individuos, sobre um certo territorio.

Cada Patria tem o seu Verbo, e uma alma inconfundivel, portanto. Ora, ter uma alma propria, original, corresponde a ter um modo especial de compreender a vida, o amor, a piedade, a fraternidade, a justiça. Cada Patria creará a *sua* justiça futura, assim como criou a sua lingua, o seu aspecto moral, etc.

E sendo, além d'isso, impossivel, *por natureza*, conquistarem todas as Patrias, no mesmo instante, a mesma perfeição social, a possibilidade de guerra entre elas é evidente.

A mais selvagem atacará a mais civilisada.

Se o meu visinho fôr um santo e eu fôr um assassino, eu mato o meu visinho. Eis a triste realidade! Se o meu visinho fôr um santo, deve estar sempre prompto a defender a sua santidade. Uma Patria, quanto mais justa e perfeita a sua vida, mais deve cuidar do seu exercito e cultivar nos seus filhos a suprêma virtude do homem que é a heroicidade. Heroicidade é abnegação, amor, sacrificio!

O amor da Patria é a propria saude moral d'um Povo: o signal de que vive.

Ora, n'uma Nação ainda atrasada espiritual-

mente, como a nossa, parece-me também patriótico chamar a atenção do Povo para a sua alma revelada, a fim de que ele encontre, em si próprio, uma luz guiadôra dos seus actos e a energia que os provoque e lhes garanta o successo.

Dar á Patria portuguesa a consciencia do seu sêr espiritual, é dar mais relêvo, nitidez e vida á sua presença entre as outras nações e prepará-la, sobre tudo, para o cumprimento d'um alto destino.

Nosce te ipsum, diziam os latinos, referindo-se ao homem; a mesma frase se deve applicar á vida colectiva dum Povo. A creatura que se não conhece, procede sempre ao acaso; o seu labôr é hesitante; os seus passos vacilam sobre a terra; os seus gestos não se imprimem no ar; as suas atitudes não se desenham e a sua alma é incaracteristica, amorfa, trabalhada em nevoa.

E' preciso, antes de tudo, que o Paiz se conheça, para saber quem é e o que deseja.

Eis o trabalho da nova geração, cujo aparecimento corresponde á renascença espiritual da Raça. Atravessamos um periodo genesisico, de creação animica, a que ha de succeder fatalmente um periodo de realidades fecundas (1).

(1) Diz Ribera y Rovira, ilustre escritôr catalão, no admiravel prefacio da sua ultima obra — "Atlantiques" — (tradução de varios trechos poeticos portugueses): "Veus — aqui l'alta orientació dels novells esperits poeticos lusitans. I es

Cheguei á parte da conferencia que mais me interessa: o estudo da Poesia moderna e da sua originalidade.

Desde que se demonstre a sua procedencia directa do espirito da raça, demonstrada fica a sua originalidade em relação á Poesia dos outros povos (1). Relativamente á nossa Poesia do grande período, ela resalta do que já dissemos e diremos ainda. E comparando-se a Poesia actual com a dos outros periodos literarios, a sua originalidade torna-se tão evidente que não se impõe o demonstrá-la.

É certo que a nova Poesia tem o mais intimo parentesco com a do Povo e com as obras dos Poetas, Escritôres e Artistas que fôram os grandes interpretes da sua raça, como Camões, Bernardim, Camillo, Soares dos Reis e Nobre (2).

E todavia, a Poesia dos novos não é uma imitação da Poesia do grande ciclo.

Os Poetas de hoje representam a alma por-

ben cert que, mai com ara, tant assenyalada i nombrosa pleiada de poetes cantá, en aqueixa benaurada terra amarrada de llum, al só de la lira apolinia; i aquest cant no es el del cigne moribunde, sinó que es la melodia primavera, l'ocult i misteriós prenunci d'un renovellament de la raça portuguesa..»

(1) Não se dê á palavra *originalidade* um sentido sobrenatural.

(2) N'esta conferencia, refiro-me apenas aos Poetas essencialmente emotivos.

tuguesa *evoluida*, distanciada do que fôra pela perfeição conquistada, que lhe não alterou a íntima estrutura, a qualidade natural. Ou antes, nos Poetas de hoje, a alma portuguesa adquiriu a expressão nova resultante do progresso da vida que lhe insuflaram o autor dos *Lusiadas* e o autor do *Cancioneiro Popular*. O movimento que estes lhe imprimiram, elevaram-na á altura a que ela se encontra no Lirismo religioso da geração presente. A nova Poesia é filha legítima da antiga; mas a mãe, ao conceber a filha, deu-lhe qualidades superiores ás suas próprias qualidades e uma fisionomia original que não esconde, ao mesmo tempo, a sua ascendência.

A hereditariedade não exclue o progresso, pela mesma razão que renascença não implica repetição de vida ou retrocesso.

Eu chamei *Saudosismo* ao culto do nosso espirito sintetizado na Saudade.

Conforme afirmei na primeira conferencia, a Saudade nasceu da fusão que se fez, no povo lusitano, do sangue romano com o sangue semita; e, por isso, ela é pagã e christã. Pelo Paganismo, está ligada á natureza d'aquem da parte espirital do homem; e pelo Christianismo, á natureza que fica além da parte animal do homem.

Nela se casam o *creado* e a *creação*, a obra de Jéovah e a obra da Cretura: o Mal, de origem divina e o Bem, de origem humana. Nela

se desenvolve a infinita perspectiva do Universo, porque abrange todos os acontecimentos a caminho da sua realização jamais atingida.

A Saudade é a essencia do Cósimos, o *Fiat*, o Verbo, a Alma do mundo, a *forma lusitana da Creação*, para me servir duma bela frase de Leonardo Coimbra.

Sendo assim, a nova Poesia é verdadeiramente pantheista, dando-se ao espírito d'esta palavra uma vida nova e mais intensa.

A Saudade, casando o nosso sêr com as Cousas, é certo que as anima, acendendo nelas uma alma.

Temos uma forma do Animismo que vem dos antigos egypcios e se encontra nas filosofias pantheistas.

Todavia, como já deixei perceber, no Animismo lusitano as Cousas estão animadas da nossa propria vida. E' por simpatia cósmica que a nossa alma trsborda de nós, inundando de amôr as cousas mortas que ficam a viver.

A vida externa e anterior ao homem e ao animal, na nova Poesia portuguesa, nasce da luta do nosso espírito contra a morte que o cerca; nasce da solidão misteriosa em que se esfuma a alma lusiada, a qual deseja povoar-se... Esta *solidão* transparece quasi sempre na nossa melancolia que é a feição mais vaga da tristeza... a tristeza em altitude nublosa, evaporada, tocando de alto, levemente, o nosso espírito a sonhar...

Como a lusitana melancolia luminosa difere do *spleen*, por exemplo,—essa tristeza nocturna, opaca, afogando as almas em densidades de treva! A nossa tristeza, filha da Saudade, é mais um crepusculo de alegria que propriamente a noite... O seu grande interprete, talvez inconsciente, foi Antonio Nobre.

Ora, o Animismo egypcio e as suas descendentes formas filosoficas, viam nas Cousas uma vida que lhes era propria: uma vida exclusivamente sua.

Eis a profunda diferença!

"Toutes les choses vivent," diz um poeta francês. Mas sente-se bem que nos versos d'este poeta, como nos de Victor Hugo, as Cousas vivem... por virtude da sua natureza. A flama espiritual d'estes poetas não as atinge, e elas ficam frias, mortas na sua propria vida.

O *Animismo saudosista* é original, portanto. Nem admira. O Panteismo dos poetas estrangeiros que eu conheço, é bebido em livros de Filosofia; o nosso é bebido na mesma alma da Raça.

Lá fóra, existem homens pantheistas; mas nós sômos o unico povo pantheista, o que está provado pelas Lendas do norte, pelo nosso caracter religioso, pela nossa literatura autentica desde os primeiros tempos, pelo genio da Lingua portuguesa, enfim, pela creação da Saudade.

As obras dos nossos melhores Poetas são

absolutamente de concepção directa, no que diz respeito à forma e ao espírito, e não simples obras imitativas.

A emoção poetica, ao condensar-se em corpo verbal, ella propria o afeiçôa e lhe imprime a medida e o ritmo. A ideia e a palavra nascem do espírito do Poeta, n'um mesmo jacto em fuzão que jamais arrefece. Por isso, a nova forma poetica não cabe dentro de moldes ficticios e uniformes. A vida é incompativel com o sepulcro. A variedade de ritmos faculta á emoção vivente o ella espraiar-se, intacta, sem mácula que a deforme e diminua. E n'esta variedade de ritmos consiste, portanto, a verdadeira harmonia.

Oh, a terrivel poetica do Passado e dos Liceus! a Penitenciaria da Inspiração!

Sim: as obras dos nossos melhoes Artistas brotaram directamente da alma que lhes transmitiu a sua vida. Não são obras imitativas.

Quem as lêr, que veja esta verdade.

Ha criticos que não sabem distinguir o *inato*, do *adquirido*; e por isso, dizem que o nosso Pantheismo não é original, confessando, ao mesmo tempo, que a nova Poesia creou novas expressões verbaes.

Quem analisar estas *novas expressões* cuidadosamente, verá que ellas encerram novas ideias e novos sentimentos. Os novos estados de alma é que preparam a sua propria exteriorisação ver-

bal. Quando uma nova forma poetica surge, vem dentro d'ela uma nova face do Espirito.

E é n'estas expressões creadas pela moderna Poesia portuguesa, que existe uma das provas da originalidade do Pantheismo lusitano, a que eu chamei *Saudosismo* ⁽¹⁾, por ele haver nascido da Saudade revelada, na qual se realisa a *fusão viva* e perfeita da Natureza e do Espirito.

Á Renascença italiana opõe o genio português a sua criação da Saudade.

A arte esplendorosa d'aquelle Paiz não vale a sinceridade humilde e viva do alto Sentimento lusiada.

A Renascença italiana foi creada, exteriormente, por alguns Artistas geniaes, e a Saudade concebeu-se no intimo espirital d'uma raça. Aquela foi a Imagem e esta é a propria Divindade. O genio italiano deu ao mundo um grande periodo artistico já passado, e o genio português acenderá, sobre a terra, uma Vida nova.

A *intimidade vivente* ⁽²⁾ e comovida é que des-

(1) O crédo religioso, filosofico e poetico contido na *Saudade* não podia ser expresso por outra palavra. A palavra *Saudosismo* nasceu espontaneamente da palavra *Saudade*, como *Christianismo* da palavra *Christo*, *Simbolismo* da palavra *Simbolo*, *Tolstoísmo* de *Tolstoï*, etc.

(2) *Intimidade vivente e comovida* quer dizer emoção creadôra. Para o poeta essencialmente português, não ha distancia entre a sua vida e a vida que o cerca. A sua ati-

taca, portanto, os nossos Poetas. Eles não falam apenas em seu nome. As suas obras não definem fisionomias individuais. O seu cântico vem de longe e de vagas regiões ilimitadas... Eis por que, muitas vezes, se torna indeciso e nevoento, semelhante a um rumor esparso de povo...

O Poeta português sente-se possuído pela vida religiosa das Cousas; os outros Poetas pantheístas apenas tentam possuir-se da vida das Cousas. Só nos primeiros há emoção creadora e original.

O Poeta português é um interprete da sua Raça em ascensão divina; o estrangeiro é o interprete d'este ou d'aquelle livro de Filosofia.

No pantheismo de Hugo, por exemplo, ha sublimes pensamentos; mas não se encontra a alma do Poeta a crear vida. E' sol que ilumina e desvenda maravilhosos aspectos ignorados da Natureza e da alma; mas não é o sol que faz crescer as folhagens e os ramos das arvores.

Vêde como nas paisagens de Camillo, as proprias cousas parecem entrar na formação das palavras! E lá, no seio amoroso do verbo, intensificam-se em vida e colorido.

tude inspirada não é contemplativa ou intellectual. Para contemplar é preciso estar fóra da cousa contemplada. A alma lusiada, nos seus momentos de sublime delirio, como que se integra na Vida, sublimando-a. Não é o olhar que vê a luz do sol; é um raio a mais d'essa luz...

Jéovalh sentiu-se emendado... D'ahi talvez a sua furia perseguidôra contra esse genio tenebroso de luz, fatidico, desencadeando ironias sobre as lagrimas...

Nas estrofes dos "Lusiadas," não existe *realmente* o mar profundo? Ha versos, na nossa epopeia eterna, que são espuma, neblina, marulhos d'agua, profundidades de agua, relampagos, sôltos ventos em delirio...

Nas eglogas de Benardim não sentimos a presença viva, quasi corporea, da Tristeza?... Não lhe vêmos a face, o verde negro olhar luminoso, a sua sombra projectada sobre a terra?

N'este verso de Antonio Nobre, "Caí, folhas, caí! tombae melancolias!," não é a alma do Poeta o proprio outomno?

Eu podia citar-vos muitos versos de Poetas modernos, onde se surpreende a realidade viva das Cousas em gestação. Podia lêr-vos trechos como esse *nascer da lua* de Antonio Corrêa d'Oliveira e o seu *Vouga* que é um dos canticos eternos da alma portuguesa, e da Alma!

Gastaria imenso tempo com essa leitura que, de resto, podeis fazer nas horas de paz e descanso.

Vejamos ainda outro facto que explica a originalidade do nosso Pantheismo.

Lá fóra, o pensamento filosofico géra a emoção poetica: aquelle é anterior a esta.

Só depois de Spinoza surgiram Poetas pantheístas, e só depois de Nietzsche apareceram poetas dentro das ideias clássicas a que o grande Filósofo alemão deu novo corpo e nova alma. O Pessimismo nasceu de Schopenhauer.

Em Portugal, a emoção poética antecede o pensamento filosófico. Primeiro, formou-se a nevoa e o relampago e depois a sua condensação em forma lógica e dialéctica.

Leonardo Coimbra, o iniciador da Filosofia lusitana, é o perfume poético da sua Raça, erigido á luz do sol, em nitidez de ideia!

Ha quem aproxime também a nova escola poética da escola simbolista francesa, alegando que ambas procuram o misterio e se afastam das apparencias reveladas e definidas.

Outro erro. O *simbolismo* ninguem o definiu melhor que o seu mestre Paulo Verlaine, n'uns versos em que o grande poeta francês affirma que a poesia verdadeira é a poesia da *nuance* e a do *impreciso*...

Vê-se que o *Simbolismo* é feito de *nuance* e vago, no sentido francês d'esta palavra.

Tintas diluidas, esfumados tons, crepuscularizada luz, deixando perceber, n'um ilusionismo, um somnambolico e passivo estado de alma afogada em ritmos musicaes.

O encanto d'esta poesia é o da neblina velando transparentemente os montes e as árvores.

Ao lado da luz crua e fria do Parnasianismo, era amavel aos olhos o adormecerem na meia luz que suavisa e anima a violencia das linhas nitidas e mortas.

A *nuance* foi uma ilusão de alma com que os poetas simbolistas mascararam as Cousas. Foi uma poesia musical, por isso mesmo.

As notas de musica são tintas diluidas. Os sons lembram as sombras das côres. A Harmonia é composta de formas evaporadas... manhã de nevoeiro sobre o nosso espírito, imitando a Aparição Desejada...

A Harmonia é propriamente a *nuance*.

Ora, o *Saudosismo poetico* procura o *misterio* que difere da *nuance*: esta é o revelado tornado indeciso, e aquele é o não revelado ainda, a face que a vida não desvendou ainda ao nosso espírito.

O *misterio* é o fundo da Vida, em quanto que a *nuance* traduz o externo: é superficial.

No *misterio* ha vida e realidade; na *nuance* ha ilusão e morte.

O *misterio* é a propria acção, o drama intimo da nossa Poesia, porque n'ela a sombra das Cousas e a luz do nosso espírito estão em perpetua lucta creadôra. E' um dialogo entre a Esphinge e o Homem, entre as formas anteriores e materiaes da Vida e a sua fase derradeira, projectada, em espirito, no Além.

O misterio vive nos nossos Poetas; vive e fala... Sendo eles os *enviados* da Saudade, são tambem o seu verbo,—verbo angustioso e afflicto, porque é o verbo da criação, do constante esforço em actividade; e todo o esforço é dôr. Mas esta dôr é affirmativa, fecunda, e assim a melancolia em que ela se esparsa, entardecendo...

Ao periodo mais activo da nossa Raça, corresponde a divina aurora elegiaca do seu espirito poetico.

A melancolia do nosso Verbo condensou-se em alegria de acção (1).

A tristeza pastoril dos êrmos vales, feita canção alada, desencadeou os Ventos das Descobertas.

A Nau, em movimento sobre as ondas, descreve o proprio ritmo da Saudade... As suas brancas velas são a imagem da Lembrança... N'elas paira, ao sol-poente, a sombra da Ilha de Oiro...

O misterio no *Saudosismo* é como que um sêr vivo, entrevisto n'um relampago e jamais fixado, em virtude da sua eterna mobilidade. No momento em que os nossos olhos intimos imaginam surpreender-lhe um aspecto, um novo aspecto ele adquire, logo um outro e assim indefinidamente...

E' a Vertigem, o Delirio que deslumbra tan-

(1) A *tristêsã sempre nova* de Shelley e a satanica amargura de Byron, alumiarã o inicio da grande expansãõ industrial e comercial da Inglaterra.

tas paginas dos nossos Artistas, atingindo, por exemplo, altitudes de maravilha na *Oração á Luz* de Junqueiro, no *Vouga* de Antonio Corrêa d'Oliveira e em muitos outros canticos dos seus Poemas; em Affonso Lopes Vieira, no *D'aquem e d'além Morte* de Jaime Cortesão, no *Ismael* de Villa Moura, em alguns sonetos de Mario Beirão, Affonso Duarte, etc.

Impossivel nomear todos os trechos sublimes dos novos Artistas. Eles encontram-se nas suas obras. Citei apenas os que primeiro me vieram á lembrança. Não quero deixar de me referir ainda a essa trasladação de D. Ignês, de Coimbra para Alcobça, descrita por Antero de Figueirêdo. São paginas altamente representativas da alma lusitana.

O cortejo funebre alonga-se, escuro e tôrvo, sob um azul de lagrimas, atravez d'uma paisagem luctuosa. Tambem as cousas vão no prestito chorando a sua dôr.

As arvores outomnaes tapetam o chão de resequidas folhas amarelas; algumas pousam, como beijos de morte, sobre o esquife da Martir; outras volteiam no ar, bailando doloridas com o vento que se queixa...

A alegria do sol perde-se toda no choroso bronze das nuvens, que pesa, afflicto, sobre as almas e a paisagem. Ao cair da tarde, o crepusculo já lembra a noite morta; e as tochas acêsas parecem tirar da propria escuridão nocturna a livida materia da sua luz...

O lugubre cortejo avança, vagarosamente, como que enamorado da presença da Defunta; e no couce, distanciado, vestido de negro e de silencio, ergue-se, qual sintese d'aquela multidão de homens, mulheres, arvores e nuvens, incluindo o real cadaver, um vulto possesso de saudade, o phantasma de Pedro, esse Hamlet montês e bravo . . .

Falando da nova geração poetica, dizia o belo Poeta de França e querido amigo de Portugal, Phileás Lebesgue; "ils comunient éperduement avec les choses!", acrescentando que isto os afastava dos simbolistas franceses. E' na verdade, assim.

Esta *comunicação apaixonada* com as Couzas, representa o parentêscio, em constante labôr fecundo, que prende a alma lusiada á alma da Natureza:—representa a feição original do *Saudosismo*.

Entre este e o *Simbolismo* ha a mesma semelhança que existe entre o sol e a nevoa que o encobre; entre a *nuance*— forma apagada e morta, e o *misterio*—forma occulta e viva.

Por isso, o verso, na nova Poesia, não é musical: é escultural.

"Os grandes versos são como as estatuas", disse Jaime Cortesão.

Se a *nuance* tem alma, é certo que a musica é a propria alma da *nuance*. O *Simbolismo* era todo musical.

O *Saudosismo pantheista*, revelador e creador dos aspectos viventes e misteriosos da Creação, é escultural, por essência. O seu ritmo poético descreve linhas firmes, mas não paradas ou inertes, porque entram na formação de Figuras vivas; lembram marmores, ora intensificando-se, em evidencia lívida, sombrios de relêvo, como n'este verso de Antonio Corrêa de Oliveira "Contundentes relampagos redondos", ora alando-se em fluidez e transparencia, como n'este verso de Augusto Casimiro: "Côres e som e agua e horisontes", ora pairando em penumbras mortas do crepusculo, misticos alvôres de lua, intimas transcendencias de alma em oração... mas sem perderem nunca a forma escultural que lhes vem de dentro e os envolve e é a sua mesma figura ritmica.

Falei atraz da *solidão* em que se esfuma a alma lusitana... Esta solidão misteriosa, esta alma remota de abandono, este espirito deserto crucificado em seu proprio sêr phantastico, encarnou na palavra *Êrmo*.

Mas em quantas palavras, exclusivamente portuguesas, a nossa alma se perde, ou antes, se dilata em ignotas feições emotivas!

Meditemos um pouco n'estas palavras, que elas são o ultimo argumento a favor da originalidade do genio português e, portanto, do *Saudosismo* ou Pantheismo saudosista.

Em seguida á palavra *Êrmo*, temos a palavra—*Remoto*. Nela se adivinha a alma da Tentação, dolorida do espaço infinito em que se perde. A sua pronuncia lembra um canto de ave nocturna, feito de penumbra e distancia... E' uma palavra—phantasma, agoirando Aventuras... Tem resonancias de voz que chama de longe... Ausencia a projectar, na distancia, a sua sombra de Presença...

Foi a Voz do Remoto que apareceu, em tentadora Figura de misterio, sobre as rochas de Sagres, ao olhar vago e saudoso de Henrique...

E a palavra *Ausencia*, a dolorosa mãe do Êrmo, o crepusculo de milagre, atravez do qual se desenha, em vivas tintas de tristeza, a Aparição da Saudade! A *Ausencia* encontrou o seu Verbo em Mario Beirão; dramatisou-se n'este Poeta, com ele se identificou. A Ausencia, nos seus poemas, é um Phantasma vivo que nos fala.

E a palavra *Luar*, mistica fusão de penumbra e luz, alma da Sombra vestida de noiva, as cousas na tristeza do êrmo, alvorecendo em saudade... Melancolia de Apolo... Voz do Infinito que a distancia emudeceu e se faz luz para ser ainda ouvida...

Esta palavra projecta realmente luar sobre os nossos labios...

São palavras da Língua portuguesa, roubadas ao Verbo Solar. São a própria alma das cousas que significam.

E ainda *Sombra, Silencio, Nevoeiro, Mêdo.*

A primeira evoca o phantasma que precede o sêr, a nebulosa anterior ao astro.

Na palavra *Silencio* murmura a origem do Verbo. E' o antro profundo e escuro, onde as almas se vestem de harmonia para o noivado tragico da Vida; o esqueleto de morte que o som reveste e anima. Não quer dizer simples ausencia de ruido, como nas outras Línguas...

Estas palavras de passividade e negação, tomam corpo e presença activa na linguagem portuguesa. O silencio fala, a sombra alumia, a ausencia tem presença...

O genio lusiada é essencialmente creador; e, por isso, o mais belo representante do espirito humano em acção poetica, a dilatar a obra de Deus.

A natureza material lembra um cahos que o espirito do homem vae ordenando sucessivamente, em formas de harmonia cada vez mais perfectas.

O Universo é uma especie de massa amorfa, a que o nosso espirito imprime a visagem definida e viva da sua halucinação. E toda essa materia universal e cahotica, adquire uma forma

perfeita e animada, em espirito, na creatura humana.

Pelo conhecimento que tenho, embora modesto, do genio portuguez, penso que lhe pertence a ele dar á Vida e ao Universo uma nova harmonia.

Vejamos outras palavras divinas da nossa Lingua.

Nevoeiro. Nevoeiro é a sombra do Mar, onde o nosso Imperio se afundou, erguendo-se, luctuosa e misteriosa, entre a *Queda* da alma lusitada e a sua *Esperança* a reviver na noite e no desespêro...

Nevoeiro é a alma de D. Sebastião ou, antes, o seu espectro feito da bruma do mar...

Nevoeiro é um Mar phantastico, em ondas de sonho, inundando a noite portuguesa. E' a sombra do Desejo, a propria materia irreal da Visão apparecida, apagando as apparencias de inerçia e morte...

A palavra *Mêdo*, composta de duas silabas surdas, revela a presença do Desconhecido que nos eriça o cabelo e arripia a pele, ao sentirmos o contacto de seus dedos de sombra...

Ha nesta palavra ancestralidades de Deus, agonias de luz na espessura das selvas, borbórios demoniacos vestidos de poeira e folhas mortas, um orvalhar de estrelas sobre a treva,

um ecoar de vozes nocturnas, por outeiros erigidos em nevoa absôrta no céu.

E brilham ocultamente n'esta palavra, as luzes percursôras da Consciencia, porque a primeira attitude reflectida do nosso espirito, resultou do seu primeiro encontro com o Misterio. Vendo em tórno dele a noite insondavel, o espirito voltou-se para si proprio, a querer surpreender, no seu intimo, o que a visãõ exterior não penetrava.

O Mêdo, tocando no homem adormecido, o acordou; e a sua lívida Imagem ficou-lhe gravada nos olhos. Por isso, o homem vê sempre as cousas atravez do Mêdo que, se o repele, é para mais o atizar na conquista do mundo invisivel.

Disse que ha n'esta palavra ancestralidades de Deus; mas não se imagine que desejo rebaixar a natureza divina.

A palavra Mêdo, na nossa Lingua, encerra um sentido profundo, não materialista, mas animico. Ela significa o primeiro estremeccimento do homem, ante a presença inesperada de Deus ainda envolto em névoas misteriosas... Foi o seu Anjo annunciador... Anjo phantastico e nocturno com um facho de sombra na mão...

O Mêdo é uma cousa sagrada. O seu vulto, esparso em crepusculo, paira ainda na meia luz dos templos e nos recantos mais vagos do nosso espirito, onde tomam fisionomia as novas

emoções e os novos pensamentos; e, quando sobe da profundidade do sêr, em arripios de misterio, desenha halucinações, no ar, que são a propria Vida a condensar-se em novas *creaturas espirituales*.

O Mêdo gera a Aparição, pondo-nos em *contacto dramatico* com a vida do Além. D'este casamento fecundo nasceu a Arte, a Religião, Deus... Sim: Deus nasceu do primeiro *mêdo*, isto é, do primeiro encontro do homem com a sua alma...

Oliveira Martins fala no *terror lusitano*...

Esta expressão encerra um sentido occulto, no qual presentimos a *face dramatica* do nosso genio, que deveria ser a fonte inspiradôra dum verdadeiro e grande Teatro nacional.

O *terror lusitano* afigura-se-me uma força tragica prodigiosa, comparavel ao Destino dos gregos. Este *terror* animal e sagrado, é a propria paixão do Mêdo: o Mêdo, em exaltação divina, a fumegar dos plutonicos antros da alma humana... É a *Saudade* em desvario, celebrando os seus nocturnos Misterios... a *alma lusiada* em phantastico bailado com a Sombra de Deus que é o perfil de Satan...

Eis a futura Tragedia.

Estas palavras e outras ainda (lúgubre, phantasma, occulto, espectro, abysmo, etc.) a que o

genio português deu um significado secreto e profundo, são irmãs gêmeas da palavra *Saudade*, que as contem a todas, como verdadeiros elementos do seu sêr. Eis porque a forma grafica de taes palavras, não deve estar sujeita ás barbaridades de filologos desalmados.

São palavras sagradas da nossa Lingua; re-presentam a feição original dô genio lusitano, e não encontram, por isso, nos outros idiomas, vocabulos que lhes correspondam (1).

Miguel de Unamuno, um dos maiores espiritos da Hespanha moderna e grande amigo das cousas de Portugal, afirmou isto mesmo na sua obra—*Por Tierras de Portugal y Espanha*.

(1) Afirmei, na primeira conferencia, que a palavra saudade não tinha equivalente em linguas estrangeiras.

Ultimamente, ao ler a magnifica obra sobre o Portugal literario, de Ribera y Rovira, vi que este illustre escritor catalão, apresenta uma palavra da sua lingua *anyorament* ou *anyorança*, cujo sentido a torna irmã da palavra *saudade*. Diz ele: “La *saudade* lusitana sols en l’anyorament catalá té digna i expressiva semblança psiquica. L’anima de la raça portuguesa es la *Saudade*: axi com l’anima de la raça catalana es l’anyorament, l’anyorança.” E diz ainda no admiravel prefacio da sua ultima citada obra—“Atlantiques”:

“La *saudade* portuguesa es l’anyorança, l’anyorament, catalá; i el *Saudosismo* ve a ser l’Anyorantisme.

Entre todos els pobles de la terra, solament el poble catalá pot sentir i commoure-s amb la *saudade portuguesa*, perquè-ls catalans tenim l’anyorament, que es també, com la *saudade*, el geni de la raça, la flor meravellosa d’un

emoções e os novos pensamentos; e, quando sobe da profundidade do sêr, em arripios de misterio, desenha halucinações, no ar, que são a propria Vida a condensar-se em novas *creaturas espirituales*.

O Mêdo gera a Aparição, pondo-nos em *contacto dramático* com a vida do Além. D'este casamento fecundo nasceu a Arte, a Religião, Deus... Sim: Deus nasceu do primeiro *mêdo*, isto é, do primeiro encontro do homem com a sua alma...

Oliveira Martins fala no *terror lusitano*...

Esta expressão encerra um sentido occulto, no qual presentimos a *face dramática* do nosso genio, que deveria ser a fonte inspiradôra dum verdadeiro e grande Teatro nacional.

O *terror lusitano* afigura-se-me uma força tragica prodigiosa, comparavel ao Destino dos gregos. Este *terror* animal e sagrado, é a propria paixão do Mêdo: o Mêdo, em exaltação divina, a fumegar dos plutonicos antros da alma humana... É a *Saudade* em desvario, celebrando os seus nocturnos Misterios... a *alma lusiada* em phantastico bailado com a Sombra de Deus que é o perfil de Satan...

Eis a futura Tragedia.

Estas palavras e outras ainda (lúgubre, phantasma, occulto, espectro, abysmo, etc.) a que o

genio português deu um significado secreto e profundo, são irmãs gêmeas da palavra *Saudade*, que as contem a todas, como verdadeiros elementos do seu sêr. Eis porque a forma grafica de taes palavras, não deve estar sujeita ás barbaridades de filologos desalmados.

São palavras sagradas da nossa Lingua; representam a feição original do genio lusitano, e não encontram, por isso, nos outros idiomas, vocabulos que lhes correspondam (1).

Miguel de Unamuno, um dos maiores espiritos da Hespanha moderna e grande amigo das cousas de Portugal, afirmou isto mesmo na sua obra—*Por Tierras de Portugal y Espanha*.

(1) Afirmei, na primeira conferencia, que a palavra *saudade* não tinha equivalente em linguas estrangeiras.

Ultimamente, ao ler a magnifica obra sobre o Portugal literario, de Ribera y Rovira, vi que este illustre escritor catalão, apresenta uma palavra da sua lingua *anyorament* ou *anyorança*, cujo sentido a torna irmã da palavra *saudade*. Diz ele: “La *saudade* lusitana sols en l’anyorament catalá té digna i expressiva semblança psiquica. L’anima de la raça portuguesa es la *Saudade*: axi com l’anima de la raça catalana es l’anyorament, l’anyorança.” E diz ainda no admiravel prefacio da sua ultima citada obra—“Atlantiques”:

“La *saudade* portuguesa es l’anyorança, l’anyorament, catalá; i el *Saudosismo* ve a ser l’Anyorantisme.

Entre todos els pobles de la terra, solament el poble catalã pot sentir i commoure-s amb la *saudade portuguesa*, perquè-ls catalans tenim l’anyorament, que es també, com la *saudade*, el geni de la raça, la flor meravellosa d’un

Eis o ultimo argumento a favor da originalidade do genio portuguez, e, por conseguinte, da nossa Poesia moderna.

Não quero terminar, sem me referir ainda ao *Saudosismo* na sua expressão religiosa que lhe dá transcendencia, universalidade, e o tornará possível fôrça orientadora da alma humana.

Nestes resequecidos tempos de egoismo materialista, de scientismo estreito, superficial, que se imagina a propria Verdade indiscutivel, o sentimento religioso, que ora aparece na Europa, anuncia uma proxima reacção do Espirito contra a Materia usurpadora. Eis o motivo do grande interesse que adquire a feição mistica do genio portuguez. Claro que esta feição é-lhe dada pela Saudade, a Virgem descendente de Christo e de Apolo.

A palavra Religião, como se vê, toma um

estat subtilissim de civilització, la forma expressiva, encara avui, dels nostres sentiments i de les nostres sensacions. Per això ls dos pobles de més íntima i espiritual germanor entre les gents llatines son el poble de Portugal i el poble de Catalunya, embolcallats dolçament per la mutual simpatia que s'envola de *l'anyorament* i de la *saudade*..

Estas palavras causaram-me alegria, pois vieram fortalecer a minha crença de que o povo catalão é irmão do portuguez. Um trecho que eu li de Maragall tinha-me feito presentir o parentesco que tão intimamente prende os dois belos Povos da Iberia.

novo sentido. O Paganismo, o Judaísmo, o Cristianismo e as suas variantes, afastam-se, envoltos já na nevoa do Passado, da concepção religiosa contida no *Saudosismo*.

Aqueles antigos Crédos viam Deus sómente áquem do homem e das cousas; o Universo era a sombra contingente projectada pelo seu perfectissimo e divino sêr.

O *Saudosismo* vê Deus além do homem. O Deus saudosista é a sombra espiritual, eterna, projectada pelo Universo doloroso e material, resumido, em vida e consciencia, na Creatura humana.

O Deus das velhas religiões *satanisa-se* no *Saudosismo*, emquanto que o seu Lucifer, o mobil, a ambição creadora do homem, *se deifica* . . . (1).

O antigo Deus continha-se na Natureza, porque esta era uma obra sua; o novo Deus está integrado no Universo, porque foi este o seu Creador.

A Natureza criou o homem a fim de conquistar o seu estado de consciencia, necessario ao aparecimento de Deus.

A Natureza representa o velho Deus; e a creatura humana é o seu Calvario, onde ele soffre a dôr e a morte para resuscitar, depois, em li-

(1) Assim na Saudade, a *lembrança* espiritualisa o desejo, e o *desejo* materialisa a lembrança.

berto e perfeito corpo espiritual, em novo Deus verdadeiramente divino.

Eis o destino do nosso sêr animal: soffrer para que a dôr soffrida resurja em eterna alegria de espirito. E digo *eterna*, porque todo o *momento espiritual* é eterno.

Esta Eternidade não se realisa no tempo; o proprio Espirito a concebe e cria.

Crêr na Eternidade é ser eterno ⁽¹⁾. O homem enquanto vive, a sua vida é como se fôra eterna; depois da sua morte é como se nunca houvesse vivido...

Falêmos ainda do aparecimento de Deus.

O Universo está dividido em quatro Reinos.

Os tres primeiros (mineral, vegetal, animal e humano) são a Materia ou Lucifer; o ultimo é o Reino Espiritual, creador de Deus. Aqueles tres prepararam o advento do homem; este é o meio vivo em que surgiu o quarto Reino. No sêr hu-

(1) O homem só pode crêr n'uma verdade objectiva ou subjectiva. Crêr significa vêr. Para que um homem acredite em Deus, é preciso que ele o veja em seu espirito creador; e para acreditar na Eternidade, é preciso que ele primeiro a crie, pelo amôr e se conceba eterno. Note-se que as creações espirituas são tão verdadeiras como as creações materiaes, porque aquelas resultam d'estas. Entre as duas creações não pode haver interrupção de natureza.

O espirito é materia evoluída.

Vid. canção popular transcrita a pag. 4 d'esta conferencia e seu comentario.

mano se elabora o *sêr espiritual*. E' no homem que o Universo conquista a sua fâse animica, assim como no meio vegetal conquistou a sua forma animal...

Ora, o homem tem o dom de contemplar a vida espiritual que n'ele principia e para além d'ele existe. O homem contempla o seu sêr corporeo e doloroso, e *vê* ou *imagina*, ao mesmo tempo, um outro sêr perfeito, liberto das contingencias materiaes. Eis a origem de Deus.

Não se ligue à palavra *imaginar* o seu sentido vulgar; ela representa a propria acção do homem a crear vidas espirituaes. E estas vidas espirituaes (escusado é repeti-lo) têm mais realidade, por mais perfectas e pela influencia profunda que em nós exercem, que as vidas anteriores a ela ou de natureza transitoria.

No momento em que o homem atingiu intimamente a *forma superior de vida* que na vida animal começa, e para além d'ela se prolonga, — o homem, a partir d'esse momento divino, principiou a tender para essa vida mais perfeita, que é o Reino Espiritual; e o seu desejo sublime é integrar-se n'ele, e o seu *fim natural* é dilatá-lo, em virtude do seu poder de criação animica.

O homem géra constantemente vida espiritual, assim como a terra géra a vida vegetal.

Quando esta vida psychica se tornar interpretativa das imperfeitas vidas anteriores e com elas se casar, construindo um Universo ideal den-

tro da realidade do Universo, teremos a verdadeira Religião saudosista.

Pela Arte, a Vida faz-se Belêsa ou Simpatia; pela simpatia em actividade, que é o Amôr, faz-se Deus. Jupiter nasceu verdadeiramente do Parthenon. Foi no seio d'aquelle marmore animado pelo genio, que a Arte lhe insuflou a vida eterna.

Todo o homem, perante uma obra de arte, sente-se mais atraído pelo Espírito, e perto d'ele, e distante do Animal. A Arte afasta materialmente os homens uns dos outros, aproximando-os da face transcendente do Universo; e é d'este afastamento material que resulta a sua união em espírito, a sua divina convivencia em Deus.

O homem é o animal desgostoso de si proprio, porque vê, para sua gloria e miseria, a vida material, contingente e dolorosa, e a vida do espírito inatingivel e perfeita. Se não visse a Perfeição não desejaria ser perfeito; viveria contente comsigo; mas seria um corpo inerte e parado.

As arvores, por exemplo, não sofrem esta Divina Tragédia de ver o mais perfeito inatingivel: as aves que cantam nos seus ramos. Por isso, uma arvore é sempre a mesma arvore.

O homem é religioso e artista, porque deseja ser o que não é. O creador quer ser a creatura. Tambem os velhos deuses gostavam de vestir a forma humana; e, disfarçados, andavam pelo mundo...

Arte e Religião correspondem-se. Na emoção religiosa ha Poesia; na emoção poetica ha Deus. Nem a emoção é mais do que o espanto, o mêdo tentadôr, que em nós provoca a Aparição do Reino Espiritual, a Obra divina e eterna que o Sêr construiu sobre a obra de Satan, material e contingente.

E' pelo sentimento religioso que nos elevamos áquela altitude, onde todas as almas se encontram, como que libertas de seus corpos e esquecidas da sua tenebrosa ascendencia.

Este sentimento representa o que ha de essencial no homem; em virtude d'ele, o nosso espirito vê-se presente em si proprio e em todas as vidas do Universo.

A attitude d'uma alma perante outra alma, é sempre religiosa, embora pareçam hostis os corpos que as separam. As palavras que se dizem, são orações, os beijos que se trocam, são estrelas... E' que se reconhecem umas nas outras, como duas aparições da mesma figura.

Compete ao progresso moral, fomentado pelo verdadeiro sentimento religioso, revelar, *exteriorisar*, cada vez mais, esse intimo e divino estado das almas (1).

(1) Em algumas tribus nomadas da Asia Central, considera-se como cousa sagrada qualquer objecto encontrado, de que um homem houvesse feito uso. Tochar-lhe ou destrui-lo, é quasi um sacrilegio.

Ao objecto abandonado ou perdido, está prêsa a lem-

O arrependimento das offensas que praticamos, demonstra o desacôrdo da alma com as más acções. Ela vive longe de nós... Quando o seu protesto não chega a tempo, o mal realisa-se. O que é necessario, portanto, é aproximar o homem da sua alma; revelar a alma na materia, a fim de se atenuar a terrivel contradicção que existe entre o que *fazemos* e o que *pensamos*.

O homem *procede* como animal e *pensa* como espirito. Ora, o *animal* e o *espiritual* são duas formas de vida qualitativamente diferentes; e, por isso, se contradizem. Diminuir esta *diferença* é o fim da Religião, ⁽¹⁾ a qual, acelerando a actividade do espirito, subordina a este a materia; e Deus fica a dirigir Satan.

Voltêmos ao sentimento religioso visto atravez do nosso espirito lusiada.

Em virtude da sua natureza christã e pagã, *brança* do homem, digna de mais respeito que o proprio homem, para essas tribus bárbaras que vivem da pilhagem!

Este facto estranho, não revela um culto instinctivo pelo que existe de divino na Creatura,—que é a sua *lembrança*, a sua presença de saudade, o desdobraimento espirital e perfeito do seu sêr animal e transitorio?

Vid. "Voyages dans l'Asie Centrale," de Arminius Vambéry.

⁽¹⁾ O conhecido anti-religiosismo scientifico é uma vaidade ingenua dos Sabios, de que as suas proprias almas se hão de rir...

a Saudade é, antes de tudo, religiosa; contem em si, conforme já disse, uma nova Fé que não pode ser nem anti-christã nem anti-sciêntifica. Ela considera o mundo e o ceu como dois amigos; ou este como a continuação alada, espiritualizada já, d'aquêle.

Para ela, Deus e o Diabo não se contradizem, porque o Diabo redime-se em Deus, e o homem é a cruz da redempção.

Ela vê a claridade do Olimpo subir da funda chama plutonica. O céu é o andar etéreo do profundo inferno, e Deus, o sonho de Satan, pairando alto, sobre os seus negros chavelhos e negras asas de morcego.

Deus é Satan em desdobramento espiritual.

O Catolicismo romano precipitou nos Abysmos, fulminando-o, o velho Deus Pan, o Satiro eterno da Natura, em cujas veias corriam todas as seivas da terra; o Fauno divino tangendo fruta nos sacros bosques, palpitantes de fugitivas Ninfas...

Ora, a *Saudade* desceu aos Infernos e trouxe, de novo, à luz da vida, nos seus braços que resuscitam, o velho Deus alegre que entretem acêsas, com as suas canções, as estrelas e as flôres.

Veio a Ciência ⁽¹⁾ construir o *seu ponto de*

(1) Não me refiro, é claro, á verdadeira Ciência, mas sim á sciencia militante e politica, ao *clericalismo* scientifico ou melhor, cientista que governa hoje a Europa.

vista, entrincheirando-se n'ele, egoísta e intolerante, pretendendo, como os seus inimigos, governar o mundo. E assim obrigou Jesus a abdicar, ficando as Criaturas depressivamente confinadas dentro da sua existência animal, o que deu origem ao materialismo reinante, feito de egoísmo, de grosseria e mercantilismo, o qual tem exercido na vida humana, uma influência tão perneciosa como a inquisição dos jesuitas. Esta queimava os corpos; aquele queima as almas! Torquemada é irmão de Büchner.

A ciência, indignada, soberba da sua conquista, expulsou Jesus do coração humano que ficou a chorar a sua viuvez... E esta viuvez tem aparecido à luz da publicidade, em varias partes do mundo, com o nome de *tristeza contemporânea, o mal do seculo, a crise moral, etc.*

Ora, a *Saudade* faz regressar Jesus à Criatura, onde ele acendeu, com o fogo divino do seu martirio, as forças do espírito, que se levantam dominadôras, ante a tragica Fatalidade antiga, subordinando o proprio Destino que nem Jupiter domou, à vontade invencível do Amôr!

A *Saudade* resuscita Jesus e Pan ⁽¹⁾, e tira da combinação amorosa das duas Divindades, um

(1) Pan representa a Natureza ou Lucifer, e Jesus, o nosso espirito creadôr, ou antes, o espirito que no homem se fez creadôr. Pan é a alma do *Desejo*; Jesus, a alma da *Lembrança*.

novo Crédo religioso que será talvez o futuro Crédo religioso, concebido no seio da alma lusitana.

Eu notei, na minha primeira conferencia, que o Povo portugûês deu sempre uma feição propria ao Christianismo, e só pela fôrça de circumstancias politicas e da vontade dos Reis, se sujeitou à Igreja romana. Nas tradições religiosas de Portugal, encontram-se os elementos primordiales d'uma Igreja Lusitana, onde se percebe a intervenção, creadôra e original, da *Saudade* ⁽¹⁾.

O snr. Dr. José de Alpoim defendeu, em tempos, nas suas admiraveis crónicas, a reconstituição d'essa Igreja, provocando contra si os odios d'aqueles, que, em Portugal, representam o Catholicismo desnacionalisadôr.

A Republica devia resolver, n'este sentido, a questão religiosa; isto é, reconstituir a nossa Igreja, dotá-la com um clero esclarecido e virtuoso, restituindo-lhe então todos os seus bens.

Obra difficil de realizar? Creio que não, atendendo a que o nosso Povo, pelo menos, o do Norte, não é catolico, mas livremente religioso. E' o auctor do Cancioneiro Popular, essa Iliada amorosa e religiosa da Raça, que, nas mãos dos seus colecionadôres, toma o aspecto trivial de cantigas para a guitarra! ⁽²⁾

(1) Vid. primeira conferencia.

(2) O meu querido amigo e camarada Jaime Cortesão prepara uma edição das cantigas populares que definem

O Povo acredita em Deus,—mas não se importa com o Papa nem com os Bispos. Admite o Padre, quando ele remedeie à sua insuficiência intelectual, quando seja o seu guia virtuoso e bom.

A nossa Igreja, como a nossa Arte, Teatro, Literatura e Política tem de sêr conforme ao genio da Raça portuguesa, a fim de que ela realise a sua grande obra moral.

O *Saudosismo* é um novo Crédo religioso que não responde sómente a esta anciedade mística da nossa alma lusiada.

O ano passado, appareceu, em França, um livro de Eduardo Schürée—*A Evolução divina da Esphinge ao Christo*—no qual o illustre escritor francês chega a conclusões verdadeiramente saudosistas, pelo estudo esoterico dos sistemas religiosas que tem havido no mundo.

“Il ressort de tout le mouvement intellectuel et spirituel depuis deux mille ans, dont je viens de masquer les grandes lignes, que cette cristallisation n'est possible que par *une synthèse* du *principe* chrétien et du principe luciférien.” (1).

Esta sintese é a propria essencia da Saudade; encontra-se emotivamente realisada, desde secu-

e revelam a alma lusiada no seu aspecto místico e transcendente. Esta edição virá provar, mais uma vez, a verdade do *Saudosismo*.

(1) O *princípio luciferiano* corresponde ao Paganismo. Vid. “L'Evolution divine du Sphinx au Christ.,” pag. 431.

los, na alma dos Poetas representativos e do Povo: é a alma lusiada na sua intimidade heroica, religiosa e amorosa, que, individualisada em Camões, criou os Lusiadas; e, esparsa e difundida pelas populações ruraes, criou o Cancioneiro, o das cantigas, o unico verdadeiro cancionero nacional.

Pela *Saudade* revive o que morreu e antevive o que está para nascer, quando ela, a nossa Virgem Lusiada, se volta para o Futuro, mostrando a sua face de esperança (1).

Por ela o que foi, volta a ser, e o que hade ser, já existe...

A *Saudade* é a Presença eterna, a vida eternisada em imagem de espírito. A sombra do Passado e a luz do Futuro encontram-se n'ela que as reflecte em nova claridade. Eis o que resulta da acção do *desejo* sobre a *lembrança* e da lembrança sobre o desejo, os dois intimos elementos (2) da Saudade. E é pela Saudade que o homem se lembra do sêr espiritual que foi. Ela põe a nossa vida em contacto com as remotas vidas que vivemos outrora, e tambem com as vidas futuras que virão pôr têrmo á nossa morte.

(1) ... "as lembranças
importunas do bem ou mal futuro."
Camões—Canção XVIII.

(2) Vid. Duarte Nunes de Leão, n'um livro em que o classico escritôr compilou os vocabulos portuguezes in-
traduziveis.

O ilustre escritôr francês, na citada obra, parece escrever, sob a inspiração da Saudade lusitana:

“Pressentiment... ou ressouvenir?”

Ressouvenir peut-être d'un monde antérieur... d'une autre période cosmique, souvenir de gloire et de splendeur lointaine dans la nuit saturnienne. Pressentiment aussi... car déjà, dans l'âme des Archées ⁽¹⁾ frissonnait, comme une aube avant-coureuse d'aurores futures...”

As duas palavras reunidas—*Ressouvenir* e *Pressentiment* parecem animadas pela Saudade.

Este livro de Schurée teve um enorme sucesso. Vê-se que ele corresponde a uma necessidade nascente da alma humana. E como a futura síntese religiosa de que fala o grande escritôr francês, se encontra já creada *emotivamente* pelo nosso espirito, a ele deve competir (por mais extraordinaria que tal cousa nos pareça) a sua implantação no mundo.

A revelação da Saudade, feita pelos nossos Poetas, será, por ventura, a percursora luzerna matutina do novo sol espiritual que a Humanidade

(1) Em linguagem esoterica, representam uma das potencias terrestres,—a Personalidade. As outras potencias são o Fogo (os Arcanjos) e a Vida (os Anjos).

As *potencias cósmicas* são o Amôr (Sérafim), a Harmonia (Kerubim) e a Vontade (Trônos). As *potencias planetarias* são: Sabedoria (Principados), Movimento (Dominações), Forma (Virtudes).

dade espera? Tão grande é este sonho, que não me atrevo a acreditá-lo, em voz alta.

Eduardo Schurée, afirma que "l'Occident est mûr pour l'ésotérisme chrétien et que l'heure est venue de le propager dans le grand public..." (1)

Sente-se, na verdade, que o espírito humano está desejoso de se libertar do carcere estreito, escuro, asfixiante, em que o materialismo o enclausurou. A alma entorpecida reanima-se. Sômos á beira dum novo periodo genésico que vae dar ao mundo uma nova fisionomia.

Eu creio que as fôrças a operarem a proxima transformação do mundo, serão religiosas, de natureza espiritual, talvez reencarnadas n'um novo Christo. Se esta transformação fôsse efectuada pelas forças da Materia, teríamos sempre as más paixões, os brutos instinctos, o feroz egoismo a dominar.

E' preciso que o poder, mudando de mãos, se transcendentalise. A Humanidade nada lucraria em que a Justiça mudasse apenas de local, passando do primeiro andar para o rez do chão.

E' essencial que ela exista em todos os andares.

Felismente, o renascimento religioso é inevitavel. Encontra-se bem claro, não só na obra de Eduardo Schurée, como nas obras dos modernos

(1) Prefacio da cit. Obra.

Filósofos, Wiliam James, Steiner, Bergson, Boutroux, etc. e ainda no progresso das varias sociedades esotericas espalhadas pelo mundo.

Estas sociedades são tambem um dos signaes dos tempos. Correspondem, nos dias de hoje, ás antigas associações filosoficas e religiosas da Palestina e do nórte de Africa, entre as quaes se contava a dos *éssenios*, d'onde saiu Jesus Christo.

E, na verdade, este periodo historico, é bem semelhante ao período da decadencia de Roma.

D'um lado, as classes superiores, egoistas, scepticas, esterelizadas como a terra onde existiram os grandes fócios de civilisação. Pierre Loti nota que as localidades dos antigos centros populosos, se transformaram em logares desertos.

Eu já disse que as cidades eram como feridas roendo a verde epiderme da terra. São feridas malignas: a sua cicatriz é indelevel...

D'um lado, esta gente exgotada, mumificada em formas de sêr já mortas, colorindo a lividez cadaverica da alma com frios sorrisos de ironia...

Do outro lado, a alma dos Povos, ébria de seiva, rumorejando novas creações espirituaes que apenas afloram, no vago, no indeciso, em que surgem as madrugadas. Estamos á beira d'uma nova Era.

E' o Reino saudosista que se anuncia...

A nova geração portuguesa sente-se exaltada pelo Deus da sua raça. Os seus versos são Psal-

mos; nascem das suas almas incendidas de puro amor... e elevam-se, comovido fumo de sacrificio, no espaço infinito... Uma nova *escada de Jacob* prende a terra ao ceu. A Divindade volta a estar em correspondencia directa com a creatura humana. Ela fala, de novo, aos homens, d'entre as nuvens.

E' o Verbo lusiada a ouvir-se...

Vejo esboçar-se um grande Altar, e sobre ele a Imagem da Saudade, a alma da minha Raça eleita, escolhida por Deus para a sua nova reencarnação.

Sonho de loucura? Exaltação poetica, sem contacto com a realidade? Delirio além das nuvens? Não o creio: assim o afirmo, orgulhoso de pertencer a esta terra de Portugal, a este mesianico Povo que, tendo dado á Humanidade o mundo fisico, compete-lhe dar agora um novo mundo moral.

NOTA

ATOM

Como o leitor acaba de ver, o assunto d'esta conferencia foi tratado com muita ligeirosa. E' um trabalho cheio de deficiencias; e a mais grave resulta de eu não haver analisado algumas das nossas Lendas, cujo espirito está de perfeito acôrdo com a poesia popular e as grandes obras representativas do genio portuguez.

Esta e outras lacunas tentarei reduzi-las n'um estudo mais desenvolvido e documentado, que publicarei sob o titulo *A Historia da alma lusiada*.

Tem-se feito a historia politica, administrativa, militar e comercial d'um Povo.

Porque se não ha de escrever a sua historia espiritual? E não será esta a *verdadeira* historia d'um Povo, por transcendente e interpretativa do seu intimo drama eterno, da sua acção divina desenvolvida entre a terra e o céu?

O homem não é apenas o sêr de que falam as leis e os codigos, — esse pobre animal domestico, transviado da Vida.

O homem dentro da Biologia, nas suas relações com o Universo, é bem maior do que o homem dentro da Sociedade, nas suas relações com os seus consocios.

O que nos interessa é o *homem humano*, o animal superior, onde a Vida conquista a sua expressão espiritual e perfeita.

Nós conhecemos os nossos reis, as nossas guerras e descobertas, as fases politicas e economicas percorridas, etc.; tratemos agora de conhecer o nosso já remoto e secular dialogo com Deus, o timbre da nossa voz em oração anorosa, em dolorida queixa e agradecido canto de esperanza.

Desenhemos a nossa attitude espiritual desde Viriato; desvendemos os traços fisionomicos especiaes que a alma humana adquiriu no seio creadôr da alma lusiada.

Este largo trabalho, que se encontra esboçado nas minhas conferencias, eu julgo-o de grande alcance; e assim será considerado pelas inteligencias sérias que gostam de descer ao fundo dos acontecimentos humanos, a fim de lhes surpreender a intima energia transcendente que os determina.

A Natureza não criou a vida humana para que o sr. Dr. Manoel de Arriaga fôsse Presidente da Republica e o sr. D. Manoel pretendente a um trôno que abandonou...

A vida humana esconde, na sua frivolidade exterior, no seu vestuario social e politico, a infinita Seriedade, o divino Drama da Alma, a Materia bruta, pela dôr e pelo amôr, libertando-se da Morte; a misteriosa Tragedia da Redempção.

Estudemos o homem transcendente, o *alem homem*, que o Português encerra.

Estudemos o Português do Cósmos occulto no português do extremo occidental da Iberia.

A doença do nosso Povo é de caracter moral; e sofre de falta de alma, sobretudo nas suas classes superiores e dirigentes. Insuflemos-lhe, portanto, a sua alma revelada. N'ela e por ela, encontrará ele o caminho perdido da Vida.

Deve ser este o fim de todos os que vivem pelo espirito e amam a sua Patria.

A minha obra aludida dimanará de cinco fontes, onde eu irei beber com devoção: as Lendas portuguezas, o Genio da Lingua, a Poesia popular, as Obras dos escritores representativos e as Vidas dos nossos heroes, como Viriato, Affonso Henriques, Nun'Alvares, D. Alvaro Vaz de Almada, Frei Gil, o Infante D. Henrique e o Infante D. Pedro, etc. e principalmente as suas fráses celebres, as que foram ditas nos momentos culminantes da sua vida, porque foi n'elas que as suas almas atingiram a maxima exteriorisação.

A Saudade será a estrela guiadora do meu espirito, como o tem sido em todos os meus trabalhos. As cousas de Portugal, para terem o grande valor de que fala Gil Vicente, devem ser vistas á luz da Saudade... a unica luz que lhes desvendá a verdadeira fisionomia.

Para esta obra concorrerei com todas as minhas forças, infelizmente modestas. Que outros de mais valor lhe dêem depois a precisa amplitude.

Acabado de imprimir aos 6
de Junho de 1913 na Tipo-
grafia Costa Carregal, trav.
Passos Manoel, 27 - Pôrto.

BIBLIOTECA
DA
RENASCENÇA PORTUGUESA

- A Águia – Revista mensal.
A Vida Portuguesa – Quinzenário.
A Evocação da Vida – *Augusto Casimiro*.
 regresso ao Paraíso – *Teixeira de Pascoaes*.
Esta História é para os Anjos – *Jaime Cortesão*.
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo – *Teixeira de Pascoaes*.
A Sinfonia da Tarde – *Jaime Cortesão*.
O Criacionismo – *Leonardo Coimbra*.
A Educação dos povos peninsulares – *Ribera y Rovira*.
Romarias – *António Correia de Oliveira*.
A Primeira Nau – *Augusto Casimiro*.
Cintra – *Mário Beirão*.
O Doido e a Morte – *Teixeira de Pascoaes*.
O Último Lusiada – *Mário Beirão*.
Daquem e Dalem Morte – *Jaime Cortesão*.

NO PRELO:

- Só – *António Nobre* (3.^a edição, com notas).
Camilo Inédito – (*Notações de Vila Moura*).